



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 11  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 11, 12 de maio de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

## **DISCIPLINA DE TEORIA DO CONHECIMENTO – RESUMO DAS AULAS**

[12/05/2010]

AULA 11: EXPOSITIVA:

*B. Os temas clássicos e os problemas universais da Teoria do Conhecimento*  
*2. Certeza, Verdade e Justificação: Estrutura e condições do Saber verdadeiro*

[Continuação]

[MP3](#)

### §1

Como foi dito anteriormente, segundo a chamada *análise tripartite do conhecimento*, este deve ser analisado mediante seus três componentes essenciais, a saber, segundo a ordem de sua complexidade: (1) a crença ou a certeza, (2) a verdade e (3) a justificação. Desses apenas o segundo parece subsistir às objeções levantadas contra a análise dita tradicional pelos epistemólogos contemporâneos; contudo, mesmo a verdade, na medida em que depende dos dois outros componentes, parece também sucumbir tais objeções. Em todo caso, as objeções que então se levantam incidem basicamente sobre a concepção comum da crença e da certeza enquanto tais, assim como sobre certa redução da verdade e da justificação à crença e à certeza.

### §2

No que diz respeito à crença, em geral pressuposta como um simples ato de crer em algo, no caso “*em um determinado estado de coisas*”, se afirma que ela é *intencional* ou que tem *significado*; o que implica, por um lado, em que, quando expressa sob a forma de uma *proposição*, ela se apresente como uma *atitude proposicional* e, com isso, por outro lado, na medida em que, como um determinado *estado mental* cujo significado é proporcionado



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 11  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Teoria do Conhecimento I, Aula 11, 12 de maio de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

por um determinado *estado de coisas*, que ela seja fundamentalmente a *representação* (mental) desse estado de coisas, devendo portanto apresentar-se como verdadeira ou como falsa. Como a crença enquanto atitude proposicional é basicamente a crença em uma proposição determinada, essa proposição tem que existir ou ser verdadeira (assim como o estado de coisas ao qual ela se refere) para que a crença seja verdadeira; caso em que se deve distinguir, *na proposição*, entre a crença, enquanto *atitude* proposicional ou atitude propositiva, e o *conteúdo* propositivo propriamente dito (o estado de coisas nela em jogo) – o que, de fato, nem sempre é levado a termo pelos epistemólogos contemporâneos (independente de defenderem ou de atacarem a crença como pré-requisito ou pré-condição para o conhecimento), os quais terminam por reduzir os estados de coisas às proposições e estas às atitudes propositivas. Por isso, do tratamento meramente formal das crenças emerge uma infinidade de objeções contra elas, desde a arbitrária atribuição de crenças e da intransparência destas à pura e simples inexistência das mesmas enquanto crença.

### §3

O problema principal da crença enquanto crença (portanto em seu sentido comum e usual) não é nem a sua atribuição a outrem, nem a sua intransparência, mas o seu caráter de mero estado mental ou de representação; quando, por definição, dado que é uma crença, ela não seria mais que a representação mental, subjetiva, consciente ou inconsciente, de um determinado estado de coisas que, por seu turno, pode ou não ser o caso; algo que, a rigor, o fato de ser o caso ou não, não é necessariamente já presente na proposição – a qual, por sua vez, se limita a uma figuração disso que se designa “um determinado estado de coisas”



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 11  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 11, 12 de maio de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

e não o próprio estado de coisas. Daí a necessidade, tanto para os defensores quanto para os detratores da crença, de se determinar a verdade ou a falsidade desta.

#### §4

Afirma-se que “para saber  $P$  (qualquer proposição dada), temos de crer em  $P$ ”; assim como que “só sabemos  $P$  se  $P$  for verdadeira” (MOSER, MULDER, TROUT, 2004, p. 67). Pois bem, independente do que se concebe como crença, há que se reconhecer que, se “só sabemos  $P$  se  $P$  for verdadeira”, então a *condição de verdade* de uma proposição não depende da crença nessa mesma proposição (i.é, que a verdade de  $P$  não depende da crença em  $P$ ), não sendo portanto o *saber da* mesma confundível com a *crença na* mesma ou, o que é o mesmo, não sendo possível se afirmar que a crença enquanto tal seja ela mesma o saber ou o conhecer. A não observância desse aspecto faz com que a maioria dos epistemólogos reduza ou confunda a crença e a verdade como condições do conhecimento verdadeiro, caindo assim, por exemplo, numa série de problemas quando se põem a falar de *crenças* ditas *verdadeiras* tomando-as pelo saber ou pelo conhecer efetivamente verdadeiro; daí o chamado relativismo no que tange à verdade, esse que por seu turno reduz a verdade ao modo como ela aparece a um ou a outro, afirmando por conseguinte coisas como: “pode ser verdade *para mim* que a janela está aberta e, ao mesmo tempo, isso pode ser falso *para você*” (MOSER, MULDER, TROUT, 2004, p. 70). Isso implica, ao fim e ao cabo, no estabelecimento de certos critérios para *determinar* ou *identificar* o que é verdadeiro; os quais, em vista disso, por um lado, se apresentam então como os elementos constituintes da própria verdade, mas que, por outro lado, terminam por pressupor certa definição de verdade, definição essa à qual tais critérios e a verdade ela mesma tem que se subordinar, sendo por isso reduzida pura e simplesmente a uma relação entre o gênero



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 11  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 11, 12 de maio de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

próximo e a diferença específica concernentes à esfera na qual a referida definição se põe em questão.

### §5

Nos limites restritos da definição da verdade está em jogo o que torna algo verdadeiro, isto é, as condições ou os critérios que presidem às diferentes regras ou aos diferentes métodos utilizados para discernir, determinar ou identificar as crenças e as afirmações que então se apresentam como verdadeiras. Disso se pode depreender que não só a verdade terá de se apresentar como relativa em geral, mas também que cada uma de suas definições tomadas como tais necessariamente também terão de ser consideradas relativas e, por isso, ao fim e ao cabo, anuláveis entre si; fato esse que, em se apresentando precisamente assim, terá de ser reconhecido como independente e independendo de quaisquer concepções da verdade que não se voltem para a própria verdade, limitando-se pura e simplesmente a defini-la e, assim, a circunscrevê-la a tais ou tais condições ou critérios. O que, de um modo ou de outro, parece explicar-se pela não consideração das diversas concepções da verdade *qua* concepções da verdade, portanto como algo independente das opiniões, das crenças e das definições limitadas e limitantes ao arbítrio pessoal de cada um, mas justa e precisamente por manter firme tal arbítrio e a redução ao mesmo; fazendo assim da verdade algo pura e simplesmente hipotético.

### §6

Chega-se assim, enfim, ao problema da justificação, sendo essa, mais que justificação da crença, uma justificação da própria verdade de tal crença; vale dizer, a explicitação dos



Hyperapophysis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 11  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes – SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina: Teoria do Conhecimento I, Aula 11, 12 de maio de 2010. Guarapuava: Hyperapophysis, 2010.

indícios considerados suficientes de que tal ou tal proposição é verdadeira. Neste sentido, pode-se dizer que a justificação consiste no estabelecimento de “uma relação apropriada entre a satisfação da condição de crença e a satisfação da condição de verdade” (MOSER, MULDER, TROUT, 2004, p. 85), relação essa em vista da qual, e somente em vista da qual, um conhecimento pode então apresentar-se como genuíno. No que diz respeito ao problema principal da justificação nos quadros da epistemologia contemporânea, tudo reside em sua redução à justificação das proposições pura e simplesmente contingentes, no seio das quais uma crença justificada não tem que ser necessariamente verdadeira, podendo portanto ser falsa; isso porque “a justificação de uma proposição não precisa acarretar logicamente a proposição justificada”, caso em que “se a proposição justificativa é verdadeira, disso não decorre necessariamente que a proposição justificada o seja também” ” (MOSER, MULDER, TROUT, 2004, p. 86). Com o que, ao fim e ao cabo, a própria justificação se apresente questionada como uma das condições necessárias do conhecimento.

## §7

De tudo o que foi dito até aqui, há que se concluir que os epistemólogos contemporâneos, ao reduzirem a crença a pura e simplesmente seu sentido comum e usual, ao reduzirem a verdade aos critérios, às condições e às definições de verdade, assim como ao reduzirem a justificação a pura e simplesmente às proposições ou às verdades ditas contingente, eles deixam de lado a certeza em seu sentido pleno e rigoroso, bem como o próprio verdadeiro e a verdade ela mesma; os quais não podem, em sua justificação, serem reduzidos nem ao subjetivo e ao arbitrário das opiniões e das crenças em seu sentido meramente comum,



Hyperapophasis Portal - Lições de Metafísica Especulativa: Curso de Teoria do Conhecimento, Aula 11  
Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes –  
SEHLA, Departamento de Filosofia – DEFIL. Curso de Filosofia. Prof. Manuel Moreira da Silva. Disciplina:  
Teoria do Conhecimento I, Aula 11, 12 de maio de 2010. Guarapuava: Hyperapophasis, 2010.

nem ao contingente e ao pura e simplesmente aparente. Este o objeto e o escopo de nossa  
próxima aula.

## §8

Referências (e sugestões de bibliografia):

- GRECO, J., SOSA, E. (Org.) – *Compêndio de Epistemologia*. São Paulo: Loyola, 2008.  
HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992.  
HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Coimbra: Armênio Amado, 1987.  
HUSSERL, E. *A Ideia da Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2000.  
MOSER, P. K., MULDER, D. H., TROUT, J. D. *A teoria do conhecimento: uma introdução  
temática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.  
RORTY, R. *A filosofia e o espelho da natureza*. São Paulo: Relume Dumará, s/d [edição  
original, 1979].  
WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70, 2000.  
ZILLES, U. *Teoria do Conhecimento e Teoria da Ciência*. São Paulo: Paulus, 2005.

FIM DO RESUMO!